

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N3

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.3, Junho 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 3 (Junho 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

39p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d62ef0a9539540ae3b5ca3>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/06/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

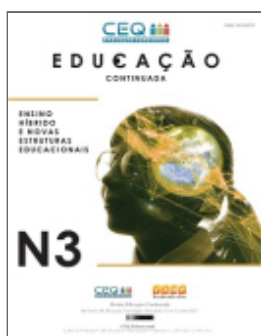
R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

Revista Educação Continuada

<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d62ef0a9539540ae3b5ca3>

EDUCAÇÃO CONTINUADA

SUMÁRIO



3(3), 2021 Junho (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-12

Alfabetização e Leitura

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

p.13-23

A Psicopedagogia como Instrumento de Ensino-Aprendizagem e Inclusão Escolar

Tânia Cristina Viana Lemos

p.24-30

A Linguagem Musical

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

p.31-39

A Pedagogia Tecnicista da “Era Militar”

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

A PEDAGOGIA TECNICISTA DA “ERA MILITAR”

Autora: Clarice Ada Fernanda Di Nardi

RESUMO

Arte, originária do latim que significa técnica, habilidade. Ligada às manifestações humanas de cunho estético ou comunicativo, refletindo traços da personalidade dentre outros sentimentos característicos do ser humano. Através da arte o indivíduo revela sua capacidade de criar e recriar, interpretar, manifestar sua visão de mundo, seu senso crítico, seu temperamento, seus valores e crenças, bem como sua habilidade técnica e criativa. Para Rubem Alves a arte é “a objetivação do espírito: uma ideia na cabeça que se torna um objeto”; e a inteligência “é a realidade virtual do objeto que se deseja construir”. “O pensamento só entra em ação quando provocado pelo desejo; é a ponte que se constrói entre o desejo e a coisa desejada. Criar, recriar faz parte de uma necessidade do homem sobre um determinado objeto”. Para ele a inteligência surgiu porque nosso corpo é incompetente. A flecha, a faca o machado, o pilão, a máquina, tudo isso são invenções próprias do homem para garantir sua sobrevivência. E educação “mexe com a cabeça”. É a “dança das ideias”, e o “corpo aprende coisas que estão ligadas a seu meio ambiente; com a sua cultura”. Desde a antiguidade, os povos já passavam seus ensinamentos às gerações mais novas de modo informal, objetivando garantir sua sobrevivência. Crianças e jovens, através de um processo de observação, imitação e participação, aprendiam polir granitos e fabricar instrumentos necessários à caça, ao trato dos animais, à obtenção de madeira para a fogueira e até mesmo à execução de cirurgias. Muito precocemente já fabricavam, com os adultos, os utensílios ou objetos domésticos e enfeites utilizados nos funerais e nas cerimônias religiosas.

Palavras-chave: Educação tecnicista; Era militar; Arte; Educação.

ORIGEM

Originária dos Estados Unidos, na segunda metade do Século XX, a “Pedagogia Tecnicista” foi introduzida no Brasil pelos governos militares (predomíniona década de 1970), com o firme propósito da preparação para a Mão de Obra em atendimento às demandas daquele período marcado pela industrialização e crescimento urbano.

Seu objetivo era verdadeiramente implantar o modelo empresarial capitalista dentro do espaço escolar e assim fazer com que os alunos pensassem conforme o seu sistema de produção.

Nos tempos de repressão essa pedagogia serviu para quebrar as “resistências” das comunidades escolares, tornando-os toleráveis às suas imposições repressivas.

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico. (Saviani, 1995 p.23).

De acordo com o pensamento de Saviani (1995) podemos afirmar que ao final da primeira metade do século XX, a “Escola Nova” apresentava sinais visíveis de exaustão, com suas esperanças frustradas e desiludidas nos meios educacionais. Assim, foi-se articulando uma nova teoria educacional chamada de Pedagogia Tecnicista.

Considerando que a escola dessa fase histórica era

meramente utilizada para ser uma reprodutora do social, e tida como instrumento para manipular pessoas tornando-as alienadas do sistema, pode-se dizer que essas pessoas eram fabricadas para servir o sistema capitalista.

Neste sentido a escolarização:

Que influi de maneira considerável sobre a personalidade dos indivíduos, é reduzida progressivamente ao seu papel funcional: ela favorece as condições psicologicamente requeridas para formar força de trabalho alienada que é desejada. (GINTIS apud FRIGOTTO, 1984 p.47).

Observa-se, portanto que a escola que a escola foi transformada para um formato de instrução meramente técnica, centrada na transmissão de conhecimento, visando única e simplesmente à preparação de mão de obra mal remunerada, respondendo a unicamente à demanda de uma sociedade capitalista.

Quando a educação prepara para o mercado de trabalho através de uma formação eminentemente técnica, esta abandona o lado humanista onde o trabalho deixa de ser visto de maneira prazerosa, tornando o homem alienado pelo próprio homem evidenciando que a escola deve preparar cidadãos para atender as exigências da sociedade.

A tendência de Educação Tecnicista aparece exatamente num momento histórico em que a educação onde os profissionais de educação ainda não estão preparados para o exercício da docência nem em nível médio, nem em superior. Assim sendo houve uma expansão tecnológica sem mão de obra especializada para atender essa demanda.

De início, essa nova modalidade de pensar a educação visava um acréscimo de eficiência da

escola, objetivando a preparação de indivíduos mais “competentes” e produtivos conforme a solicitação do mercado de trabalho. [...]. O professor passa a ser considerado como um técnico responsável por um competente planejamento dos cursos escolares (MARTINS, 1998, p.41).

Diante da realidade econômica vivida no País, houve a necessidade da reforma educacional, e a promulgação da lei 5692/71 introduz a disciplina de educação artística no currículo escolar.

Nessa conjuntura os professores de especializados em música, desenho, artes aplicadas à educação e trabalhos manuais, que atuavam conforme sua formação, foram relegados a meros técnicos de atividades artísticas e simples executores de ordens superiores. Despreparados e sem nenhum amparo se prestavam apenas a repassar aos seus alunos, de forma mecânica e descontextualizada, as atividades planejadas e encaminhadas pelos então setores de planejamento.

A burocratização do ensino foi intensificada, afogando os professores em papéis nos quais deviam ser detalhados os objetivos de cada passo do programa. Houve interiorização das funções do professor, que se tornou simples executor das ordens vindas do setor de planejamento, a cargo de técnicos em educação que, por sua vez, não pisavam em sala de aula. (ARANHA, 1996, p.177).

Ainda segundo Aranha (1996), esse foi um período em que a educação básica ficou abandonada e a implantação do ensino profissionalizante não teve resultados positivos do ponto de vista da qualidade da educação quanto à formação de sujeitos autônomos, tendo em vista o abandono de disciplinas de relevante

importância como filosofia e sociologia. Nesse contexto o ensino ficou reduzido a meros aspectos técnicos e mecanizado sem nenhum compromisso com as habilidades artísticas individuais, num autêntico desrespeito à criatividade.

A LDB 9394/96 E A ARTE COMO DISCIPLINA OBRIGATÓRIA

Aliar a arte à educação pode-se considerar como uma evolução no processo de ensino aprendido, pois se trata de um recurso pedagógico que pode desenvolver no aluno diferentes habilidades, além de ser pautado na ludicidade tornando o ensino muito mais atraente, prazeroso e significativo.

O que é necessário ao desenvolvimento da consciência estética não é a apreciação de um determinado quadro ou objeto, nem necessariamente, o ensino de certos valores adultos ou de um vocabulário para descrever obras de arte. A consciência estética será mais bem ensinada através do aumento da conscientização da criança do seu próprio eu e de maior sensibilidade ao próprio meio. (LOWENFELD, 1977, p.397).

A educação através da arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. (BRASIL, 1997, p.15).

Analisando o contido nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais - 1997) percebe-se que a disciplina de Arte depõe em favor do processo evolutivo do

pensamento artístico, valorizando as experiências dos indivíduos. No curso desse processo o aluno desenvolve suas capacidades imaginativas, imprimindo sua criatividade e incorporando progressivamente à sua capacidade evolutiva. Como área de conhecimento ela proporciona também o aprendizado de forma integrada uma vez que possibilita a liberdade de expressão alicerçado nos diversos eixos de trabalho como o movimento, a música, as diferentes linguagens, a matemática e a natureza e sociedade.

Nesse documento a Arte tem como objetivo levar as artes visuais, a dança, à música e o teatro para serem aprendidos na escola e é representada como área de conhecimento que requer espaço e constância como todas as áreas do currículo escolar.

Assim sendo, a arte propicia de maneira lúdica a oportunidade de o aluno decifrar sua visão de mundo, e não somente contemplar a plasticidade que supostamente a obra exhibe. Dessa forma a criança terá maior condição de entender e interpretar o verdadeiro significado da sua criação buscando fatos efetivamente vinculados ao seu ambiente cultural.

A criatividade é o processo que resulta na transformação de algum produto que em algum momento da história foi utilmente considerado por um significativo número de pessoas.

Existem instituições que ao incluir arte nos seus currículos, acreditam que estão contribuindo para o desenvolvimento criativo da criança, atribuindo somente essa disciplina o que deveria ser responsabilidade de todas as outras: a educação criativa.

Segundo DUARTE JR, 1991, a educação criativa acontece com maior intensidade em nível de sentimento, do que em nível de simbólico, pois ao criar o dinamismo do poder do sentimento do indivíduo se articula com as ideias transformando em objetos de criação.

No desenvolvimento da criatividade a arte não consiste apenas na função de eliminar a ansiedade. Ela representa toda carga de emoção traduzindo em símbolos sentimentos muitas vezes reprimidos e inconscientes, independentemente da metodologia utilizada. Dessa forma ela poderá ser utilizada em sala de aula como um instrumento articulador do processo evolutivo da criatividade.

A arte não é apenas o básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, a arte representa o melhor do trabalho do ser humano. (BARBOSA, 1995, p. 61).

Para Barbosa (1995) a arte além de desenvolver a criatividade, percepção, imaginação, tem como pressuposto organizar os sentimentos das crianças de maneira que torne possível não somente o fazer artístico, mas também a proximidade com obra de arte adulta, possibilitando a interpretação das ilustrações de mundo.

Estudos revelam que o ensino realizado através da arte possibilita o estímulo de todos os sentidos do corpo humano contribuindo para o melhor desenvolvimento da capacidade cognitiva do aluno de maneira que ele pode ter desempenho nas outras disciplinas.

O PROFESSOR DE ARTES: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Ferraz (1997), diz que ser professor de arte é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham

conhecimentos dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é precioso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico.

Entretanto, na formação de professores neste quesito pode-se observar uma defasagem significativa considerando a importância que o tema requer. O que se observa é que até 1960, existiam poucos cursos de formação nessa área.

Professores de qualquer matéria e/ou com alguma habilidade artística podiam assumir e ministrar as disciplinas de Arte.

Os pioneiros que se formaram em cursos de curta duração, seguiam a única alternativa que lhes era cabível: adotar documentos e livros que não eram direcionados ao ensino de crianças para ministrarem suas aulas.

Atualmente, no entanto a Arte foi incorporada ao currículo da educação básica como disciplina da área de conhecimento, LDB 9394/96, Artigo 26 - Modificado pela Lei 12.287/10: 30

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Quanto aos estudantes, a esses devem ser-lhes assegurados o direito de contar com professores preparados, que estudem a arte e a vinculem à sua prática de forma multidisciplinar. Ao mesmo tempo, o professor de arte deve ter consciência da importância de sua ação profissional, ou seja, além de preparar seus alunos para que consigam expressar sua cultura estética e artística com clareza, criatividade e autonomia, valorizar sua produção criadora.

Desta forma, o professor de artes é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, quando ajuda seus alunos motivando-os com atividades

que contribuem para despertar suas sensibilidades nos saberes teóricos e práticos sobre arte.

As atividades visuais devem ser também incorporadas às psicomotoras, como a dança, música e teatro, pois proporcionam ao professor observar seus alunos nas diversas expressões que podem emergir dessa linguagem, tanto corporal quanto emocional. Isso contribuirá para que ele possa motivá-los em suas limitações, contribuindo na elevação de sua autoestima e proporcionando situações em que se expressem com liberdade e autoconfiança.

Já do ponto de vista da psicomotricidade, trabalhar atividades motoras com crianças, como jogos, brincadeiras e movimentos, contribui para o seu desenvolvimento neuromotor, pois essas estimulam o equilíbrio, o reflexo, a lateralidade, dentre outros requisitos importantes que para o desempenho intelectual do indivíduo.

Para Smith (1991), não basta apenas dizer que a arte deve ser estudada como assunto integrante do currículo escolar, o compromisso com a qualidade no ensino de arte e a excelência na educação é considerado fundamental.

Essa excelência deve ser garantida nos objetivos e propósitos com que essas aulas são preparadas e ministradas. Desta forma é importante que se respeite as limitações individuais, porém sem perder o foco; de forma sequencial, estimulando a criatividade, o senso crítico e o interesse pelo mundo artístico e estético. 31

Para ensinar artes, o fator de maior importância é o professor. “O professor tem a importante tarefa de proporcionar uma atmosfera conducente às expressões de inventiva, de exploração e de realização”. (LOWENFELD & BRTTAN, 1997, p. 78).

Como é então ser professor de arte e atuar como

um verdadeiro educador? Trata-se de tarefa de relevante responsabilidade, e que exige conhecimento aprofundado, não só dos conteúdos, mas também da realidade onde seu aluno está inserido: sua cultura, seus anseios, suas habilidades e suas deficiências. O professor deve conhecer as diferentes leituras de seus alunos para que possa avaliar suas releituras e objetivar suas propostas em arte. O papel do educador é também de mediador de conhecimentos existentes para propiciar aos seus alunos condições para novas criações, num processo construtivo e transformador.

Segundo Barbosa (2003), o professor de artes precisa sempre estar se atualizando, pois quem se atualiza pode ser considerado capaz, e aquele que não busca algo novo será apenas um mero repetidor de formas e apostilas.

Para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de arte é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir nossa história. (FUSARI E FERAZ, 2001).

Infelizmente pesquisas recentes apontam que ainda existe uma tendência tradicionalista de se ensinar arte. O que mais acontece nessas aulas é uma incidência na atuação do professor em expor os conteúdos, sem abrir espaço para o aluno participar criando e colocando suas próprias ideias. Nesta concepção de educação o professor é considerado o detentor da verdade.

Observa-se então que a área de arte educação ainda carece passar por um processo de grandes transformações, sofrendo mudanças expressivas em seu processo de ensino, com atividades que possibilitem ao aluno “*expressar os sentimentos e sentidos oriundos da vida concretamente vivida e não a imitação dos valores alheios*”.

A arte é movimento na dialética da relação

homem-mundo...Assim, é possível atingir um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: “ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os, refletindo, formando, transformando-os”. (FUSARI, Maria F. de Resende, pág. 89)

Será que nos sistemas educacionais tradicionalistas são respeitados os princípios de singularidade individual, onde os alunos têm liberdade de expressarem-se livremente? Ou são ofuscados pelas imposições e cobranças que contradizem os verdadeiros conceitos de democracia e liberdade de expressão?

Nos moldes da pedagogia construtiva, a aula de arte deve se voltar para a busca constante do prazer e da criação, do contrário ficará reduzida às atividades de recreação, treino de habilidades motoras, equilíbrio, passa tempo e de conotação decorativa.

Ao atuar como professor de artes o educador deve saber desvincular-se da aprendizagem centrada apenas nas informações de fatos, ou na prática de atividades que exijam memorização e repetição, focando seu trabalho em atividades que estimulem a inteligência e contribuam para a formação da personalidade do indivíduo e para o desenvolvimento motor e biopsicossocial, afetando positivamente no seu intelecto.

METODOLOGIA, MATERIAIS E ATIVIDADES

É sabido que um ensino de qualidade é resultado tanto da atuação metodológica do educador, bem como dos espaços e recursos materiais disponíveis para sua atuação.

No Brasil, ainda existe uma política econômica que não valoriza a educação como investimento positivo. Daí nota-se a falta de materiais atrativos e transformadores

nos ambientes escolares para contribuir com o enriquecimento das atividades de criação dos alunos. No entanto, o educador brasileiro, não se furta de sua capacidade criativa, lançando mão de metodologias que envolvem adaptação, customização e otimização de recursos que lhes são disponibilizados.

A metodologia pode ser considerada como uma estratégia de ação, onde o professor deve selecionar atividades que despertem o interesse de seus alunos e que estejam ligadas às suas experiências culturais. Da mesma forma em relação à escolha de materiais, estes devem ser de fácil manuseio respeitando a característicada turma, a faixa etária e tempo disponível.

A arte deve ser trabalhada com metodologias viáveis ao desempenho do aluno, sendo realizadas conforme a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra. Nos centros de educação Infantil essas metodologias devem ser voltadas ao ato de brincar e posteriormente a atividades que envolvam a coordenação motorae equilíbrio. Nas escolas de educação infantil a criança sente prazer na realizaçãode atividades livres, pois nesse período ela precisa gastar sua energia, correndo, saltando e pulando.

As crianças aprendem desde seus primeiros momentos de sua existência. Educa-las ainda bebês não se resume apenas em alimentá-las e cuidar de sua saúde e higiene. Aliado ao carinho e cuidados higiênicos é fundamental que as mesmas também recebam estímulos que desenvolvam seus sentidos e conseqüentemente sua intelectualidade.

O trabalho artístico é importante para que as crianças aprendam a explorar o mundo à sua volta. Existem inúmeros materiais que utilizamos como recurso de expressão, que auxiliam a criar coisas e colocar um pouco daquilo que somos no mundo (...). Iniciar o

ensino de arte visual não significa apenas oferecer lápis, canetas, argila, massa de modelar, etc.(CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 109).

Proporcionando à criança a oportunidade de manusear livremente uma diversidade de instrumentos e materiais, o professor se utiliza de uma metodologia que favorece a ela o contato e a familiarização de recursos indispensáveis para o desenvolvimento de sua expressão, além de oferecer a ela oportunidade de desenvolver sua imaginação e criatividade.

Craidy e Kaercher (2001) sugere que no ambiente da educação infantil podem-se criar diferentes espaços como cantinhos destinados a realização de atividades variadas. Sugerem ainda, seguindo o modelo de educação montessoriano, que podem ser criados diferentes “cantinhos” para que se desenvolvam atividades lúdicas e de representação como teatro de marionetes e oficina de pintura, que favorecem para a criança na faixa de quatro a seis anos o contato com a oralidade, a musicalidade e a plasticidade.

Já para crianças menores, em idade de zero a três anos, podem ser criados espaços almofadados, espelhados, com elevações, caixas e túneis, cenários circenses, de contos de fadas, com desenhos ou cartazes com personagens de histórias infantis e super-heróis para apoiar no desenvolvimento da memória e da imaginação.

Além das aulas com a utilização variada de materiais concretos, é indispensável também a utilização de outros recursos metodológicos, como brincadeiras e jogos, pois através da ludicidade permite-se ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

Piaget e Vygotsky defendem em seus pressupostos teóricos que a brincadeira é fonte de conhecimento e de desenvolvimento infantil, pois é um meio de interação social e conseqüentemente sofre intensa influência da cultura na qual está inserida a criança.

(...) é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. E no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. (VYGOSTSK, 1989, p. 109).

Dessa forma, fica comprovada a importância da inclusão de brinquedos e brincadeiras como metodologias e procedimentos educativos no ensino de arte, pois são ferramentas importantes na construção do conhecimento, uma vez que estimulam a imaginação através da fantasia.

Para Bettelheim (1998) é com a brincadeira que se pode compreender como a criança vê e constrói o mundo. O autor defende que no brincar a criança consegue expressar o que não consegue exprimir em palavras. Partindo desse princípio, pode-se concluir que as atividades que envolvem brincadeiras vão penetrar no imaginário da criança a ponto de identificar seu estado emocional, suas preocupações e suas manifestações inconscientes.

A brincadeira é considerada como um recurso privilegiado do desenvolvimento da criança pequena por acionar e desenvolver processos psicológicos, particularmente a memória e a capacidade de expressar elementos com diferentes linguagens, de representar o mundo por imagens.(BARROS, 1998, p. 210).

Brincar nas aulas de arte, como recurso metodológico e estratégia didática são atividades prazerosas que levam as crianças a experiências de novas situações que motivam e favorecem a compreender com maior facilidade o mundo cultural e estético. Através da brincadeira ela se desenvolve e descobre seu papel, seu

espaço social e seu limite.

Através do brincar a criança desenvolve seu lado emocional, afetivo, exprime suas pulsões e seus fantasmas assim como algumas áreas do domínio cognitivo. Terá maior desempenho na capacidade de registros, representação de análise, síntese, criatividade, pensamento e integração do mundo tanto externo como interno. (LUCKESI, 2000, p. 112).

Estudiosos defendem que a criança que não tem grandes oportunidades de brincar, e com quem os pais raramente brincam, sofre bloqueios e rupturas em seus processos mentais. O aprendizado através da brincadeira estimula o desenvolvimento da memória, da coordenação, da imaginação, da fantasia, da afetividade, além de aprender com alegria e motivação.

Outro recurso que podemos destacar refere-se aos jogos imprimidos nas atividades que envolvem a música, os instrumentos musicais, as brincadeiras de roda, as parlendas, trava-línguas, dentre outras tão comuns em nossa cultura, e questões mantidas de geração em geração.

(...) Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massa é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. (...) Os jogos sonoros musicais possibilitam a vivência de questões relacionadas ao som, ao silêncio e à música. (BRASIL, 1998, vol. 3).

Existem, entretanto estudiosos, como é o caso de Jean Vial, que se vê com reservas a utilização do jogo como recurso didático, pois entende que o caráter sério da

atividade escolar dá conotação diferente à natureza do jogo, que busca prazer, alegria, exploração e liberdade. Mas o que se discute no oportuno, é a ação mediadora do professor, que sendo utilizada com objetividade irá interferir positivamente no procedimento didático pedagógico.

Assim sendo, pode-se considerar que através de jogos e brincadeiras que sejam ricos na diversidade de matérias e interferência metodológica, a criança encontra espaço para desenvolver suas habilidades de expressão, interação, coordenação, raciocínio, dentre outras tão importantes para o desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho tivemos a oportunidade de através da bibliografia consultada, tomar contato com os mais diversos autores que defendem a arte como instrumento importante na forma de educar, sendo que essas concepções ideológicas contribuíram para o enriquecimento de nossos conhecimentos teóricos que certamente influenciarão em nossa prática docente.

Observamos também que ao longo de nossa história passamos por diversas tendências na aplicação do ensino da arte, e isso se deveu aos diferentes momentos políticos pelos quais atravessamos o que nos faz concluir que a educação sempre esteve a serviço da política nacional.

Nessas circunstâncias na medida em que as concepções metodológicas da educação escolar foram se aprimorando, e a escola como “aparelho ideológico do estado” vivencia um momento que se traduz democrático, as atividades artísticas tornaram-se por assim dizer ferramentas fundamentais na relação ensino aprendizagem, o que contribuiu para a Arte ser incluída na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como

disciplina obrigatória nas diferentes modalidades de ensino.

Assim sendo, concluímos que a educação vem evoluindo cada vez mais para um aprendizado construtivo dentro de um espaço multidisciplinar, não repressor e significante, e a Arte tem papel de relevante importância dentro desse contexto, o que nos permite ressaltar sua legitimidade na relação de Ensinar e Aprender.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos.

História da Arte. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do Pré-Escolar: Uma visão construtiva.** São Paulo: Moderna, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes. 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 3.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Volume 6.

CAMPOS, Cristiane. **A Tendência tecnicista do Ensino da Arte.** <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>. Acesso 20.10.18.

FERRAZ, Maria Heloisa C.T. Cortez & FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista.** 1ª ed. Cortez, São Paulo, 1984.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora.** 1ª Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** 4ª Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Educação Escolar Brasileira: Estrutura Administrativa, Legislação.** 2ª Ed. São Paulo: Afiliada, 2003.